



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**TATIANE OLIVEIRA LIMA**

**MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE DUAS MULHERES NA ESCOLA NORMAL RURAL  
MURILO BRAGA NA DÉCADA DE 1960 EM ITABAIANA/SE**

**Itabaiana  
2019**

TATIANE OLIVEIRA LIMA

**MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE DUAS MULHERES DA ESCOLA NORMAL RURAL  
MURILO BRAGA NA DÉCADA DE 1960 EM ITABAIANA/SE**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, do Departamento de Educação do Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira

Itabaiana  
2019

TATIANE OLIVEIRA LIMA

**MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE DUAS MULHERES DA ESCOLA NORMAL RURAL  
MURILO BRAGA NA DÉCADA DE 1960 EM ITABAIANA/SE**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, do Departamento de Educação do Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira

Aprovada em: 07 de outubro de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira (Orientador)  
Departamento de Educação (DEDI) - UFS

---

Profa. Dra. Roselusia Teresa de Moraes Oliveira  
Departamento de Educação (DEDI) - UFS

---

Profa. Dra. Simone Paixão Rodrigues  
SEDUC/SE

Itabaiana  
2019

A Deus por ter sido minha fortaleza.  
Aos meus pais por todo amor, carinho e esforço.  
Ao meu sobrinho Gabriel por alegrar os meus dias.  
Ao professor João Paulo por todo apoio e palavras de incentivo.

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus por ter sido minha fortaleza e me sustentado até aqui, obrigada por me ajudar nas escolhas mais importantes e incertas da minha vida, e por me dar forças nos momentos que eu pensei em desistir.

Aos meus pais Tânia e Roberto, agradeço todos os esforços para que eu chegasse até aqui, tudo que sou devo aos senhores. Obrigada por me ajudarem a me tornar a mulher que sou hoje, e por terem me passado todos os valores necessários para assim ser uma pessoa melhor. Essa e outras tantas conquistas que virão dedico aos senhores. Amo vocês!

A minha segunda mãe Telma (in memoriam) que tão cedo foi morar no céu para cuidar de mim, e iluminar minha vida. Jamais esquecerei do seu amor de mãe, e dos momentos que vivemos juntas. Te amo, minha eterna estrelinha!

A minha irmã Daniele por ter me dado meu maior presente, meu sobrinho/afilhado Gabriel, que me alegra e faz os meus dias mais doces. A minha avó Maria José por ter cuidado de mim, e sempre vibrar com as minhas conquistas, a minha avó Maria Adelaide (in memoriam) que apesar da distância e pouca convivência sempre demonstrou seu carinho por mim, serei sua eterna “Pituca”, vó.

Não poderia deixar de dedicar essa conquista aos meus avós José (in memoriam) e José Basílio (in memoriam) apesar de não tê-los conhecido fisicamente foram essenciais na construção dos valores dos meus pais e que foram passados para mim, sempre conheço um pouco dos senhores através das histórias contadas nas reuniões de família, e faz com que eu tenha muito orgulho de ser neta de homens tão íntegros.

Agradeço a todos os meus tios e tias pela torcida de sempre, de uma maneira especial as minhas tias Helena, Edileuza e Nega, e meu tio Nilson por não hesitarem em me ajudar em nenhum momento que eu precisei deles.

A minha prima Nayara por sempre que necessário me auxiliar e aconselhar durante minha caminhada acadêmica, e também por ser uma grande inspiração dentro do meio acadêmico e profissional.

As minhas amigas Karolayne, Milena e Carol que se tornaram minhas irmãs do coração. Obrigada por sempre me escutarem, aconselharem e aturarem meus estresses, com vocês aprendi o verdadeiro significado da palavra amizade.

As minhas amigas e amigo da UFS para vida Cíntia, Bárbara, Silvani, Patrícia, Amanda, Kalinka, Marcela, Jéssica, Maysa e Marciel. Vocês fizeram com que minha

caminhada fosse menos árdua, sentirei saudades das noites, trabalhos e momentos de descontrações ao lado de vocês.

As minhas companheiras do Programa Residência Pedagógica: Lesley, Aninha e Lúcia, por todo incentivo, companheirismo e compreensão nos momentos de dificuldades dentro do programa e na Universidade

Ao meu orientador, professor e amigo João Paulo por todo conhecimento transmitido, conselhos dos melhores caminhos a serem seguidos, compreensão e amizade. O senhor é um grande exemplo de professor e profissional, obrigada por toda paciência e pelos incentivos, o senhor se tornou um grande amigo.

A Roselusia minha professora, amiga e eterna orientadora do PIBIC, obrigada por me escutar sempre que necessário, jamais esquecerei do dia em que a senhora parou para me ouvir quando eu estava muito frustrada com o meu estágio, agradeço por ser uma grande incentivadora durante minha caminhada acadêmica, a senhora é muito mais que uma professora se tornou uma amiga que levarei sempre em meu coração.

Gratidão a D. Marineuza Alves e D. Suzaneide Noronha por terem aberto as portas de suas casas para que eu as entrevistasse. As senhoras foram essências para o andamento da minha pesquisa. Muito obrigada!

A minha amiga Darla que em meio a toda correria dos comandos do Colégio Estadual Murilo Braga não hesitou em nenhum momento em me ajudar para encontrar os materiais necessários para utilização em minha pesquisa.

E por fim, mas não menos importante, a todos os professores que contribuíram para minha formação acadêmica, vocês foram essenciais para que eu chegasse até aqui.

## RESUMO

A presente monografia trata de uma pesquisa na área de História da Educação, e tem como objetivo tratar das memórias de duas mulheres que fizeram parte da Escola Normal Rural Murilo Braga na década de 1960, uma aluna e outra professora. A pesquisa foi realizada através de fontes orais e escritas que tratam da instituição. Buscamos também realizar uma revisão de literatura sobre a profissão docente em Sergipe e descrever aspectos da História da Educação em Itabaiana, com destaque para três professoras: Maria Thetis Nunes, Etelvina Amália de Siqueira e Izabel Esteves de Freitas. Para tal, foi realizada uma pesquisa no atual Colégio Estadual Murilo Braga, buscando fontes documentais, duas entrevistas, além de uma série de leituras sobre o tema em foco. Também fez-se uso de depoimentos sobre o "Murilo Braga" concedidos a outros pesquisadores. Utilizamos como aporte teórico Michael Pollak (1989) no trato com o conceito de memórias. Conclui-se que as histórias e memórias contadas por mulheres que fizeram parte da instituição de ensino trazem sentimentos como carinho, saudosismo e a sensação de missão cumprida dentro do "Murilo Braga".

**Palavras-chave:** Escola Normal Rural Murilo Braga. História da Educação. Itabaiana/SE. Memórias. Mulheres.

## RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

This monograph deals with a research in the area of History of Education, and aims to treat the memories of two women who work at the Murilo Braga Normal Rural School in the 1960s, a student and another teacher. We also sought to perform a literature review on a teaching profession in Sergipe and describe aspects of the History of Education in Itabaiana, with emphasis on three teachers. To this end, a research was conducted at the current Murilo Braga Public School, in various sources of documents, two interviews, and a series of readings on the topic in focus. It was also made use of testimonials about "Murilo Braga" granted to other researchers. We use as theoretical basis the writings of Guacira Lopes Louro (2004) and Jane Soares Almeida (2006), both dealing with issues related to women in education, the struggle for gender equality and citizenship. It is concluded that the stories and memories told by women who were part of the educational institution bring feelings such as affection, longing and the sense of mission accomplished within the "Murilo Braga".

**Keywords:** Murilo Braga Normal Rural School. History of Education. Itabaiana / SE. Memoirs. Women.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Grupo Escolar Guilhermino Bezerra.....	21
Figura 02 – Foto do diretor do INEP que foi homenageado com seu nome na instituição de ensino .....	30
Figura 03 – Maria da Conceição diretora do Murilo Braga nos anos de 1967 à 1981...	32
Figura 04 - Marineuza Santos como aluna do Ginásio Estadual Murilo Braga.....	36
Figura 05 - Fotografia de Marineuza Santos com sua colega Vera Siqueira na década de 1960.....	37
Figura 06 - Recordações de Suzaneide Moura.....	40
Figura 07 - Convite de Formatura de Suzaneide Moura.....	41

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 01 - Discentes matriculados no Curso Ginásial do Murilo Braga (1960-1969).....	30
---	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CEMB	Colégio Estadual Murilo Braga
ENRMB	Escola Normal Rural Murilo Braga
UFS	Universidade Federal de Sergipe

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>AS MULHERES NA PROFISSÃO DOCENTE: breves reflexões.....</b>	<b>17</b>
<b>3</b>	<b>TRAÇOS DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM ITABAIANA .....</b>	<b>23</b>
	<b>3.1 - PROFESSORAS ITABAIANENSES: Amália Siqueira, Izabel Esteves e Thétis Nunes.....</b>	<b>26</b>
<b>4</b>	<b>ESCOLA NORMAL RURAL MURILO BRAGA EM ITABAIANA: entre leituras e memórias.....</b>	<b>29</b>
	<b>4.1 - MEMÓRIAS ACERCA DOS TEMPOS DO MURILO BRAGA EM ITABAIANA/SE.....</b>	<b>34</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>45</b>
	<b>Referências .....</b>	<b>47</b>
	<b>Apêndices .....</b>	<b>50</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objetivo geral analisar as memórias de duas mulheres, uma ex-aluna e uma ex-professora da Escola Normal Rural Murilo Braga na década de 1960, período em que a instituição deixou de ser uma Escola Normal Rural para oferecer o ensino secundário e assim tornar-se o atual Colégio Estadual Murilo Braga. Além disso, propõe-se como objetivos específicos analisar os trabalhos que tratam de trajetórias de professoras produzidos nos Programas de Pós-Graduação em Educação da UFS como também historicizar aspectos do Colégio Murilo Braga entre as décadas de 1940 e 1960.

Localizada na cidade serrana de Itabaiana/SE, a Escola Normal Murilo Braga foi criada no ano de 1949, em meio à política educacional do Governador de Sergipe, José Rollemberg Leite, dessa forma, tornou-se a primeira Escola Normal Rural do Estado e uma significativa instituição responsável pela formação tanto de professoras, como de ginásianos.

A escolha dessa temática ocorreu após perceber que um desejo inicial de pesquisar sobre professoras itabainenses do século XIX não obteria êxito, já que o recorte de tempo não ajudaria no encontro de fontes. Sendo assim, continuei buscando um tema que tratasse sobre as mulheres, então foi nesse momento que surgiu a ideia de pesquisar sobre professoras e alunas que atuaram na ENRMB. E diante do início dessa pesquisa ficou perceptível que:

O estudo de trajetória de vidas de professoras nas primeiras décadas do século XX é um objeto de estudo relativamente novo nos grupos de pesquisas de História da Educação. Tais pesquisas concentram suas atenções na história da escolarização, nas culturas escolares, profissionalização e a própria luta feminina no Brasil”. (MARTIRES, 2016, p.28)

Estudar sobre a trajetória de vidas de professoras e alunas é algo que além de novo tem muito para ser explorado, saber sobre suas lutas, vitórias, os preconceitos sofridos, das abdições que elas necessitavam fazer para seguir o caminho em que almejavam, a postura dessas mulheres perante a sociedade. Tudo isso é significativo para assim compreender melhor a História das Mulheres e a História da Educação.

Nesse sentido, estudar a trajetória de vidas de professoras e alunas na década de 1960 é compreender um passado de conquistas profissionais e pessoais, ainda desconhecido por algumas pessoas como era para mim antes de cursar a disciplina “Educação Brasileira”<sup>1</sup> no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Os estudos realizados

---

<sup>1</sup> Disciplina lecionada pela Prof. Dra. Roselusia Teresa de Moraes, quando estava na condição de aluna do terceiro período do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe no Campus Prof. Alberto Carvalho.

naquele componente curricular despertaram meu olhar para essas mulheres que tiveram importância na educação brasileira, para as conquistas femininas, para as portas profissionais que nos abriram e ainda nos abrem na contemporaneidade.

Desta forma, a pesquisa foi realizada através de fontes orais e escritas que tratam da instituição. Foram colhidos os depoimentos de uma ex-aluna e uma ex-professora que vivenciaram a Escola Normal Rural Murilo Braga (ENRMB) durante a década de 1960, como também fez-se uso de depoimentos concedidos a Tereza Cristina Souza (2019) na obra "Ecos do Murilo". Ao procurar as fontes orais, localizei a ex-aluna Suzaneide Moura e a ex-professora Marineuza Santos, ambas muito solícitas concordaram em serem entrevistadas<sup>2</sup> e disponibilizaram fotos e depoimentos acerca daquele período. Para trabalhar e analisar o material coletado dialogamos com as seguintes considerações:

Assim como uma ‘memória enquadrada’, uma história de vida colhida por meio da entrevista oral, esse resumo condensado de uma história social individual, é também suscetível de ser apresentada de inúmeras maneiras em função do contexto no qual é relatada. (POLLAK, 1989, p.14)

A entrevista é uma forma de nos aproximarmos das memórias de um dado período por meio do relato de pessoas que nele viveram. Cada pessoa relata as suas memórias, dentro de um determinado ambiente e traz na sua fala o presente que a rodeia. Assim, as memórias não são reflexos do passado, mas um elo que nos aproxima do que aconteceu. Dentro dessa perspectiva, entrevistamos Marineuza Santos, pessoa com a qual já tinha um certo contato familiar. No caso de Suzaneide Moura houve mais dificuldade já que não consegui seu contato, e também algumas vezes não encontrei a ex-aluna do ENRMB em sua respectiva residência.

Marineuza Santos foi aluna e professora da ENRMB. Assim que fiz o primeiro contato por telefone, ela demonstrou simpatia e alegria por saber que iria compartilhar suas histórias e memórias dentro da instituição que fez parte da sua vida por tantos anos. No dia dezenove de junho de 2019, pude entrevistá-la em sua residência, sendo que ela selecionou todas as fotos que tinham relação com a escola para me disponibilizar. A entrevista foi produtiva e fundamental para a escrita do presente texto.

Já Suzaneide Moura foi aluna da ENRMB, tive dificuldade em encontrá-la, porém tratando-se de uma cidade pequena, consegui localizá-la através de pessoas próximas a mim e a própria Suzaneide Moura, ela se mostrou disponível, e assim marcamos nossa entrevista.

---

<sup>2</sup> O roteiro das entrevistas com Marineuza Santos e Suzaneide Moura encontra-se no Anexo desta pesquisa.

Fui recebida em sua residência, no dia trinta de julho de 2019, e com muita alegria relatou suas vivências dentro daquela instituição de ensino.

No tocante aos documentos da instituição, realizei as primeiras visitas ao arquivo do Colégio Estadual Murilo Braga para analisar os documentos da década de 1960 e buscar pistas para compreender algumas indagações, bem como localizar nome de pessoas que fizeram parte da instituição naquele período. Infelizmente ao chegar no arquivo do Colégio, as condições não eram as favoráveis ao acesso dos documentos. Por esse motivo aguardei durante um tempo a higiene do arquivo, porém até o momento da escrita do trabalho não foi realizado a devida organização arquivística do acervo.

Sendo assim, a presente monografia trata de uma pesquisa voltada para a área da História da Educação, especificamente sobre uma instituição educacional vista pelo olhar de uma ex-aluna e uma ex-professora. Para o desenvolvimento dessa pesquisa, fez-se necessária a revisão de literatura através da leitura de teses, dissertações, monografias, artigos e livros, materiais que tratassem sobre a feminização do magistério, das lutas femininas, das mulheres e suas histórias na escola, entre outros. Também foi indispensável realizar leituras voltadas à história do Colégio Estadual Murilo Braga, para conhecer melhor a instituição de ensino e as vivências das professoras da década de 1960.

Diante do exposto, o presente trabalho está estruturado em capítulos. O primeiro é a Introdução que detalha informações acerca desta pesquisa, como: o objetivo geral e os específicos, a metodologia utilizada, referências teóricas e como surgiu o tema da pesquisa. O segundo capítulo analisa a trajetória das mulheres dentro do magistério a partir de alguns estudos já realizados. O terceiro refere-se à história da cidade de Itabaiana/SE e da educação desenvolvida nesse município, com realce para três professoras. O quarto capítulo aborda a história da ENRMB, enfatizando as memórias das ex-alunas e ex-professoras da instituição. Por fim, apresentamos as considerações finais, referências e o apêndice com o roteiro das entrevistas.

## 2 AS MULHERES NA PROFISSÃO DOCENTE: breves leituras

Este capítulo tem como objetivo específico abordar alguns aspectos da trajetória de mulheres no magistério em Sergipe, a partir de trabalhos de Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS, além da Dissertação e Tese de Freitas (2003), considerados pioneiros na temática das mulheres e magistério em Sergipe. Para Anamaria Bueno:

A utilização das histórias de vida, relato orais, depoimentos, memórias e biografias em conjunto com outros documentos permitem um diálogo instigante entre os processos de formação/escolarização, os projetos familiares e as escolhas profissionais. (FREITAS, 2003, p.12)

As mulheres nem sempre tiveram o privilégio de escolher a carreira que iriam seguir. Durante um bom tempo elas eram vistas apenas como moças as quais deveriam cuidar dos afazeres domésticos, do marido e filhos, além de ter uma boa educação para representar bem o marido e a família perante a sociedade. Essas moças eram os pilares de sustentação do lar, foram criadas para educar os filhos, e não os alunos, por exemplo. Nessa época havia jornais que publicavam artigos, mostrando a importância da instrução para a libertação das mulheres, sendo assim elas deixariam de enxergar o mundo apenas através dos afazeres domésticos.

A inclinação para o magistério seria a característica mais evidente entre as moças tradicionais, provenientes de famílias modestas e pouco instruídas, uma vez que a essas não seria possível alimentar o sonho da dedicação exclusiva ao lar. Ambicionar ir além do magistério seria “infringir com muita violência” os padrões tradicionais sob os quais viviam. (NASCIMENTO, 2011, p.49)

Para Jane Soares:

Acompanhando a inserção feminina num espaço profissional representado pela educação da infância, há de se considerar que no cenário das primeiras décadas, o século XX foi também o período em que se iniciaram os primeiros movimentos pela liberação feminina. No rastro das reivindicações e conquistas femininas, movimentos emergentes, que tinham em sua agenda a superação das desigualdades e injustiças sociais, organizaram-se em objetivos comuns, buscando principalmente retirar da invisibilidade segmentos sociais até então acobertados sob o manto da ignorância e do preconceito, em busca do reconhecimento e, por consequência, de um mundo mais humanizado. (ALMEIDA, 2006, p.62-63)

O trabalho voltado para educação também foi uma forma de ajudar as mulheres a terem uma profissão, e poderem, aos poucos, ir conquistando seu espaço dentro da sociedade. Com o processo de urbanização e industrialização observa-se uma certa diminuição dos homens diante das salas de aulas, surgindo assim a “feminização do magistério”. Algumas pessoas daquele período argumentavam também que as mulheres já tinham uma certa vocação para serem professoras, pois carregavam em si os laços maternos. Tudo isso começou a contribuir para um declínio do número de homens no magistério, e assim o comando das salas de aulas ficava por conta das mulheres.

Mesmo convivendo com todas essas adversidades e enfrentando os preconceitos da sociedade da época, muitas sergipanas procuravam as escolas para que fossem atendidas nas suas ambições intelectuais. Prova disso é que na primeira década do século XX, os cursos do Atheneu já contavam com a presença feminina, principalmente daquelas que não dispunham de recurso financeiros para frequentar as Faculdades existente em outros Estados. (SANTOS, 2006, p.18)

Além do Atheneu, a Escola Normal foi outra instituição que deu oportunidade às mulheres sergipanas a terem uma formação profissional, era uma escola muito rigorosa, a qual tinha como forma de ingresso uma boa nota no exame de admissão e a idade necessária para poder estudar naquela unidade. Vale ressaltar que só em 1877 houve a criação em Sergipe de uma Escola Normal para moças, cujo o nome era Asilo Nossa Senhora da Pureza, e tinha como objetivo oferecer uma profissão às jovens órfãs as quais não se casavam, mas eram educadas para se tornarem boas mulheres.

Fugir da escola, burlar a vigilância, ir ao cinema, conseguir assistir à sessão sem ser reconhecida parecia uma grande vitória para as normalistas. Muitas vezes em grupo, era preciso ter coragem para enfrentar as situações que poderiam trazer consequências inesperadas àquelas que fugiam. Mas, a vitória estava na possibilidade do ato, na execução do plano, estrategicamente estabelecido. (FREITAS, 2003, p.145).

Apesar do rigor da Escola Normal, havia aquelas que ousavam ir contra as regras da instituição de ensino, mesmo sabendo das consequências caso fossem descobertas. Assim essas jovens encontravam um meio de diversão, além de terem um espaço no porão para conversas diferentes das quais não eram consentidas em salas de aulas, trocavam experiências de vida e preparavam meios para fugir do rígido controle das Escolas Normais. Para Jane Almeida:

No campo profissional, as escolas normais deveriam formar professoras para um desempenho pedagógico calcado no humanismo, na competência e nos valores sociais. Essa educação, em nível médio e com objetivo definido sem mais delongas, deveria bastar, e as jovens brasileiras cresceriam com o destino profetizado de serem esposas, mães e, em caso de necessidade, professoras. Nesse contexto, a Escola Normal voltava-se para a educação feminina como parte do projeto civilizador da nação e cumpre funções de educar e instruir as futuras mães, as donas de casa encarregadas da educação familiar e do fortalecimento da família. A idéia de introduzir classes mistas nas escolas passou a ser debatida, mesmo que fosse como experiência pedagógica, e colocar mulheres para ensinar meninos e meninas ao mesmo tempo seria vista com agrado e como a melhor alternativa para ampliar a escolaridade da população. (ALMEIDA, 2006, p.75)

As mulheres independentes de seguirem a profissão docente, ou não, deveriam ser educadas para cuidar da casa e da família. Essas moças deveriam fortalecer os seus lares, educar adequadamente seus filhos. Portanto, observa-se que a educação não estava ligada e voltada somente para o magistério, mas também para a construção familiar, e educação dos filhos.

De acordo com Freitas (2003) houve normalistas formadas pela Escola Normal que não seguiram o caminho da carreira docente, algumas delas casaram-se, outras seguiram sua história buscando ser enfermeiras ou se tornando funcionárias públicas. Mas também houve mulheres que tiveram vários cargos como é o caso de Quintina Diniz que foi professora, diretora e eleita deputada estadual.

Segundo Freitas (2003) as pioneiras da educação em Sergipe foram Maria Rita Soares Andrade, Quintina Diniz de Oliveira Ribeiro e Itala Silva de Oliveira. Todas elas foram mulheres guerreiras, que lutaram pelo direito de ir além do espaço doméstico, e assim elas puderam ocupar lugares em profissões consideradas masculinas.

A escassez de registros em torno das práticas femininas pode ser explicada pela resistência social com relação à aparição pública da mulher, visto que ter acesso à escolarização formal, transitar no espaço público e almejar um lugar no mundo do trabalho, fora do ambiente doméstico, significava uma afronta aos moldes patriarcais conservadores e esta deveria a qualquer custo ser combatida”. (ALMEIDA, 2009, p.44)

A mulher precisava lutar pelo seu espaço como intelectual, então a poderosa escrita ajudou muitas mulheres a legitimar-se como intelectuais. Sendo assim, iniciou-se uma corrida em busca de espaços para publicações das produções feitas por elas. Porém, muitas vezes, as moças só eram conhecidas pelo nome do pai, ou marido. A sociedade daquele período procurava sempre tirar o foco das mulheres que não deveriam ser conhecidas pelo seu

intelecto, ou trabalho, mas sempre ser conhecida pela figura de um homem que poderia ser seu pai, ou marido.

Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas (2003) em sua tese de doutorado denominada de “Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX”, tem como objetivo falar sobre o processo da escolarização feminina, e como aconteceu a inserção dessas mulheres no mercado de trabalho e a apropriação das pioneiras em diferentes universos públicos. Sendo assim, fez-se necessário refazer o caminho percorrido por três pioneiras sergipanas.

Quintina Diniz de Oliveira Ribeiro, Itala Silva de Oliveira e Maria Rita Soares de Andrade foram mulheres que lutaram para conquistar espaços ainda considerados masculinos em uma sociedade conservadora. Para concretização dessa pesquisa em torno das pioneiras sergipanas, Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas (2003) concretizou sua pesquisa utilizando-se de mensagens oficiais, relatórios, atas de instituições escolares e de associações intelectuais e educativas, atas das Assembleias Legislativas, imprensa, cartas depoimentos orais, entre outros.

José Genivaldo Martires (2016) em sua dissertação intitulada “Flagrando a vida: trajetória de Lígia Pina – professora, literata e acadêmica (1925-2014) ele investiga a história profissional de uma mulher que lecionou em vários locais de ensino da capital aracajuana, dentre as quais estavam: Escola Normal, Atheneu e Colégio de Aplicação da UFS. Além disso, buscou fazer a diferença produzindo materiais didáticos e atividades voltadas para a disciplina de História.

Lígia Pina foi muito mais que uma professora, escreveu obras literárias e fez parte da famosa Academia Sergipana de Letras. É importante ressaltar que a dissertação de José Genivaldo procurou investigar as práticas pedagógicas dela no importantíssimo Colégio de Aplicação da UFS. Como embasamento desta pesquisa foram utilizados biografias e relatos orais, bem como, fontes escritas e iconográficas.

Nivalda Menezes dos Santos (2006) em seu trabalho de conclusão de mestrado denominado “ O celibato pedagógico feminino em Sergipe nas três primeiras décadas do século XX: uma análise a partir da trajetória de Leonor Telles de Menezes” busca compreender as justificativas usadas por Helvécio de Andrade e Rodrigues Dória em favor do celibato feminino durante as primeiras décadas do século XX tendo como base a trajetória de Leonor Telles de Menezes.

A dissertação de Santos (2006) mostra um período em que muitas sergipanas foram aconselhadas a não contrair o matrimônio, caso desejassem seguir a carreira docente,

alegando que essa prática poderia atrapalhar o bom andamento das escolas. Sua pesquisa também ressalta a falta de estudo em torno de professoras as quais só eram conhecidas como filhas e esposas. As fontes utilizadas para esta pesquisa foram bibliográficas, fontes orais, eletrônicas e documentais.

Ao ler a dissertação de Marlaine Lopes de Almeida (2009) sobre a trajetória da professora Leyda Régis percorremos os caminhos em que foram trilhados por mulheres de fibra que lutaram para ter acesso à educação, profissionalização, campo de trabalho e ação social no século XX, período em que as mulheres afloraram na esfera intelectual, cultural, esportivo, social e político em Sergipe, elas faziam parte de uma elite detentora do conhecimento. A mulher precisava lutar pelo seu espaço como intelectual, então a poderosa escrita ajudou muitas mulheres a legitimar-se como intelectuais. Desse modo, iniciou-se uma corrida em buscas de espaços para publicações das produções feitas por elas.

A dissertação de Marlaine Lopes é um estudo biográfico que retrata a história de Leyda Régis, que deu início a sua carreira no magistério como professora adjunta do Grupo Escolar General Siqueira de Menezes, viveu em meio à elite para conquistar espaços, escreveu para mostrar o seu poder através da escrita e venceu as barreiras sociais e culturais impostas às mulheres daquele período.

Assim, observa-se a existência de pesquisadores que compreendem a importância da trajetória feminina no magistério brasileiro, bem como analisam se algo mudou com relação à visão que se tinha antes da mulher ingressar no magistério, e em outras profissões as quais elas desejavam se fazer presentes como profissionais da área. Essas pesquisadoras não só contaram o caminho percorrido por essas jovens, mas abriram as portas para outros estudos e motivaram outras figuras femininas a buscar e estudar trajetórias de mulheres na educação.

A revisão de literatura contribuiu na construção deste trabalho para repensar, problematizar e mapear o cenário da profissão docente em Sergipe. Fundamental também quando se quer conhecer mais acerca de alunas e professoras que construíram suas trajetórias repletas de lutas e abnegações.

### **3 TRAÇOS DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM ITABAIANA E ALGUMAS DAS SUAS PROFESSORAS: breves reflexões**

Levando em consideração a finalidade desse estudo, a proposta deste capítulo é conhecer aspectos da História da Educação na cidade de Itabaiana/SE e algumas das suas professoras, e assim compreender a importância da ENRMB para as pessoas que habitavam a cidade serrana, bem como, para as pessoas que moravam nos municípios vizinhos.

A cidade do Agreste sergipano conhecida como Itabaiana nasceu no ano de 1888, exatamente no dia 28 de agosto. Segundo Carvalho (2000) ela era uma das poucas cidades de Sergipe neste período, sendo São Cristóvão a mais velha. Os povos indígenas foram aqueles que aqui primeiramente habitaram, tendo assim, deixado traços da sua influência.

De acordo com Carvalho (2000) apesar de ter acontecido a elevação de vila para cidade de Itabaiana, com a ajuda do deputado Guilhermino Bezerra, o projeto referente ao ano de 1886 visava apenas à vila de Capela. No entanto, o deputado aproveitou a oportunidade e também elevou a Vila de Itabaiana.

Sobre a educação no município é possível perceber alguns elementos a partir das leituras efetuadas. Segundo Santos (2013), no Brasil, durante o período Imperial, predominou-se o modelo educacional denominado de escolas isoladas ou de primeiras letras. Mas durante o regime Republicano, este tipo de escola começou a ser alvo de constantes críticas, criando assim, os grupos escolares. Porém, em Sergipe as escolas isoladas permaneceram ainda algumas décadas no predomínio da educação primária em diferentes vilas, povoados e na capital do estado. No tocante à Itabaiana:

As escolas funcionavam em casas particulares, geralmente do próprio professor ou de parentes, em construções frágeis, sem devida iluminação e condições de higiene. O material escolar também era precário. [...] a escola municipal do povoado João Gomes de 1995, foi uma das últimas do município nessa modalidade. (BISPO, 2013, p.107)

Conforme Costa (2016) a educação na cidade serrana teve dois momentos cruciais, um no período que construíram o Grupo Escolar Guilhermino Bezerra e, o outro, a partir da fundação da ENRMB, no ano de 1949. Ambas instituições funcionam até os dias atuais, e por trás delas existem histórias vivenciadas em diferentes períodos num mesmo ambiente de ensino.

**Figura 01:** Grupo Escolar Guilhermino Bezerra



Fonte: Foto de João Teixeira Lobo no Acervo de Sebrão sobrinho, mantido por Vladimir Souza Carvalho. Fotografia publicada no Grupo Itabaiana Grande pelo moderador Robério Santos em 17 de outubro de 2011. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10150362892532840&set=gm.261202577250108&type=3&theater>, Acesso em 09 de novembro de 2019.

O Grupo Escolar Guilhermino Bezerra, foi inaugurado em Itabaiana no governo de Euclides, e homenageou Guilhermino Amâncio Bezerra, nome ilustre da cidade de Itabaiana e do ensino secundário em Sergipe. Foi o primeiro prédio escolar construído na cidade serrana, o qual contava com quatro salas de ensino misto. Até o ano de 1950 atendeu alunos da educação primária, e contou com a junção de quatro escolas isoladas, entre elas a da professora Isabel Esteves e da docente Ana Esbarra (SANTOS; OLIVEIRA, 2018).

Na cidade de Itabaiana, assim que se concluíu o primário, as pessoas se dirigiam à capital de Aracaju, com a finalidade de sequenciar seus estudos, porém nem todos tinham as condições econômicas necessárias para tal. Nesse sentido, só tinha o privilégio de estudar as pessoas que tinham condições financeiras. Isso mudou, quando houve a inauguração da ENRMB, oferecendo a oportunidade para as pessoas menos favorecidas que desejavam estudar, mas não tinham o suporte econômico para morar na capital.

Junto à criação da ENRMB inaugurou-se a Escola de Aplicação Zenaide Schultz nas dependências da Escola Normal. De acordo com Lima (2002), em Itabaiana houve o funcionamento da Escola de Aplicação no período de 1958 a 1970, com o objetivo de servir como campo de estágio para as normalistas. No ano de 1971 a instituição Zenaide Schultz passou a funcionar em local próprio, na Av. Otoniel Dórea, nº541. Um fato interessante é que o nome Zenaide Schultz era uma homenagem a chefe de seção da coordenação de cursos do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) em 1951. Porém, a homenageada nunca visitou a escola e também não era conhecida pelas pessoas. Através do Governador José Rollemberg Leite no dia 31 de março de 1978, a escola passou a ser denominada de Escola de 1º Grau Professora Izabel Esteves de Freitas, em uma homenagem a uma importante professora itabaianense.

Todavia, a memória local pouco relembra nomes de docentes e aspectos da História da Educação, centrando-se nos aspectos políticos da cidade. A seguir apresentamos brevemente, três professoras itabaianenses.

### **3.1 PROFESSORAS ITABAIANENSES: ETELVAINA AMÁLIA SIQUEIRA, IZABEL ESTEVES E THETIS NUNES**

Esse tópico busca realizar uma breve apresentação de três docentes, entre tantas outras, que marcaram a História da Educação em Itabaiana/SE, são elas: Etelvina Amália Siqueira, Izabel Esteves de Freitas e Maria Thetis Nunes. O que existe em comum entre elas é que todas foram professoras, nasceram na cidade de Itabaiana, e são mulheres que marcaram a educação local.

De acordo com Freitas (2008) a professora Etelvina Amália de Siqueira teve sua primeira formação conquistada na Escola Normal em 1884, ela no início, foi educadora particular de meninas e também ensinou na escola criada pela Sociedade Libertadora do Pai Thomaz. Etelvina Amália publicou textos em jornais que defendiam a abolição da escravatura. Abolicionista atuou na passagem do século XIX para o século XX.

Segundo Freitas (2008) Etelvina Amália de Siqueira nasceu na cidade de Itabaiana, no dia 05 de novembro de 1862. Seus pais se chamavam José Jorge Siqueira e Rosa Maria Siqueira. Ela era irmã de José Jorge Siqueira Filho, ilustre poeta da literatura sergipana. Coursou o primário em Itabaiana com a Professora D. Esmeralda de Mello, porém ao perder

seu pai mudou-se para Aracaju, onde iniciou seus estudos na Escola Normal, e assim diplomou-se em novembro de 1884.

Ainda conforme a citada autora Etelvina Amália além de ser uma mulher de fibra marcou a sociedade sergipana através de seus escritos. Ela foi docente, jornalista, poetisa, contista, declamadora, oradora, republicana e abolicionista. Também trabalhou na alfabetização de meninos e meninas recém-libertos, pois eles não eram aceitos em boa parte das escolas públicas. É importante salientar que Etelvina Amália não deixou filhos, mas produziu uma linda história de lutas, escritos e de docência.

De outro modo Izabel Esteves marcou geração de itabaianenses, segundo Magno Santos:

Para muitos, Izabel Esteves de Freitas não passa de uma anônima, ou no máximo, uma denominação escolar com pouca significação. No universo intelectualizado, a referida professora foi descoberta há pouco tempo, com os estudos sobre algumas personalidades que foram seus alunos ou de instituições nas quais atuou. Deste modo, a professora foi citada em notas breves, em estudos como a biografia de Maria Thetis Nunes (sua ex-aluna) de Maria Nely Santos e na história de Itabaiana publicada por Vladimir Souza Carvalho. Foi a partir dessas notas esparsas que a professora emerge enquanto objeto da historiografia educacional sergipana. (SANTOS, 2013, p. 404)

Na cidade de Itabaiana existe uma instituição de ensino que leva o nome da educadora Izabel Esteves de Freitas. Talvez muitas pessoas não tenham o conhecimento de quem ela foi, nem da sua contribuição para a educação, mas devem imaginar que se trata de uma significativa intelectual para o município.

De acordo com Santos (2013) Izabel Esteves de Freitas esteve à frente de uma das primeiras escolas de Itabaiana durante a Primeira República. Nesse período a cidade estava sofrendo transformações dentre os setores sociais, econômicos, educacionais, intelectuais e políticos.

Conforme Santos (2013) com a criação do Grupo Escolar Guilhermino Bezerra na década de 1930, a professora Isabel Esteves passa a lecionar no Grupo e transfere as aulas da escola isolada 1 para aquela instituição educacional, juntamente com mais três escolas. Isabel Esteves também assumiu pioneiramente a direção do Grupo recém-criado, sendo ele o primeiro prédio escolar construído no município serrano.

Entre tantas centenas de alunos que Izabel Esteves lecionou estava Maria Thetis Nunes.

Thetis Nunes, com onze anos de idade, deixou a cidade de Itabaiana, no interior de Sergipe, onde cursou o primário, a fim de prosseguir seus estudos na capital sergipana. Sua professora primária chamava-se Izabel Esteves de Freitas, renomada docente da cidade natal de Thetis. (OLIVEIRA, 2015, p.125)

Conforme Oliveira (2015) o deslocamento da família de Thetis Nunes (1923-2009) para a Aracaju aconteceu em 1935, e possibilitou a ela a chance de frequentar os bancos da Escola Normal Rui Barbosa. Porém, por conta da sua idade foi instruída pela professora Leonor Telles de Menezes a prestar o exame de admissão no Atheneu Sergipense, já que não possuía a idade mínima para ficar na Escola Normal Rui Barbosa.

Dentro do espaço do Atheneu Sergipense, Thetis Nunes começou a construir o seu nome se diferenciando dos demais alunos, pelas notas angariadas, participação nas aulas e amizades com os professores. Todos esses elementos contribuíram para o seu retorno como professora interina pouco tempo após terminar o curso complementar e alguns anos mais tarde, como catedrática de Geografia Geral. (OLIVEIRA, 2015, p.132)

Thetis não foi uma aluna qualquer, ela se destacou demais por conta do seu esforço, da força de vontade. E isso foi bom para sua história, é bom poder retornar como aluna de uma instituição na qual já foi discente. De acordo com Oliveira (2015) Maria Thetis Nunes terminou o curso secundário em 1940. Além disso, foi aluna da primeira turma do curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia da Bahia (FFB). No ano de 1941, recebeu o convite para ensinar a disciplina de História do Brasil no Atheneu Sergipense, sendo o diretor Felte Bezerra o responsável pelo convite, logo depois prestou concurso para cátedra de Geografia Geral.

Sua aprovação como Catedrática possibilitou uma trajetória na docência do ensino secundário e logo depois como pioneira professora do ensino superior sergipano. Além de lecionar em diferentes faculdades, foi uma das fundadoras da Universidade Federal de Sergipe, lecionando e escrevendo sobre História por mais de cinco décadas. Sua contribuição ao magistério extrapolou as fronteiras sergipanas tendo lecionado cursos em outras partes do Brasil e do mundo (Oliveira, 2015).

As breves considerações sobre as trajetórias dessas três itabaianenses no magistério demonstram como existem uma série de possibilidades de estudos sobre mulheres da cidade serrana. Com trajetórias distintas, mas marcadas pela docência as três personagens deixaram marcas na História da Educação de Sergipe e do Brasil. Elementos que carecem de outras problematizações e aprofundamentos.

#### **4 ESCOLA NORMAL RURAL MURILO BRAGA EM ITABAIANA/SE: entre leituras e memórias**

A Escola Normal Murilo Braga (ENRMB), localizada no centro da cidade de Itabaiana, exatamente na Rua Quintino Bocaiúva, 659, na zona central do Estado de Sergipe, foi criada no dia 29 de novembro de 1949, por meio de um projeto do Governo Federal que pretendia expandir as escolas primárias e normais rurais com a intenção de formar professores para ocupar postos em escolas situadas nas zonas rurais.

Diante dessa política educacional, foi concedida a autorização ao Governador de Sergipe, José Rollemberg Leite (1947-1950 e 1975-1978), para criar o ensino secundário na cidade do agreste sergipano. É importante ressaltar que o professor Acrísio Cruz teve sua importância na concretização deste projeto.

O estudo sobre a história da Escola Normal Rural Murilo Braga desempenha um papel fundamental para a história da Educação em Sergipe, pois contribui para a historiografia da Educação sergipana, por discutir a história da formação de professores primários em uma instituição de ensino pouco explorada pelos pesquisadores da educação sergipana. Uma escola que após 1970 foi considerada referência para a educação no Estado. (COSTA, 2016, p.12).

A instituição proporcionava oportunidades na vida dos itabaianenses, os quais almejavam estudar o curso ginasial, mas não tinham as condições financeiras necessárias. Através dessa iniciativa na educação da cidade de Itabaiana, pessoas dos municípios vizinhos seriam beneficiadas, sem contar que não precisariam mais se deslocar até Aracaju para continuar os estudos. A construção do prédio aconteceu rapidamente, pois as aulas da ENRMB iniciaram-se em 20 de março de 1950, a escola se encontrava na entrada da cidade.

De acordo com Lima (2002) o nome escolhido para a instituição de ensino homenageou o então responsável pelo Ministério da Educação do setor de melhoria do ensino o Sr. Murilo Braga de Carvalho. Apesar de não ser conhecido na cidade, desempenhava o importante papel de diretor do INEP. A homenagem partiu do Governador José Rolemberg Leite. Murilo Braga faleceu vítima de um desastre aéreo no dia 29 de abril de 1952.

**Figura 02:** Foto do diretor do INEP que foi homenageado com seu nome na instituição de ensino.

#### MURILO BRAGA DE CARVALHO



FONTE: Lima (2002)

Murilo Braga produziu um plano que pretendia ampliar a rede de ensino primário no Brasil, a partir da criação de cursos de aperfeiçoamentos para professores do magistério. O crescimento das escolas primárias no interior do país é um projeto com destaque nos estudos de Veiga (2007), pois elas representam um aumento da escolarização no país. Para Aline Miguel:

A implantação da Escola Normal Rural Murilo Braga em Itabaiana fez da cidade um celeiro de pessoas influentes tanto na política quanto nas artes e na magistratura. Isso mostra o quão importante foi o papel da instituição para consolidação de uma cultura intelectual no interior, e isso se deve ao reconhecimento e sensibilidade de pessoas que viam na educação um meio capaz de transformação social. (MIGUEL, 2011, p.9)

A instituição ficou conhecida tanto pela sua qualidade, como por formar diferentes quadros dirigentes no Estado, demonstrando assim a sua importância. Apesar de não cumprir o seu papel de forma esperada, por ser uma escola de cunho rural e não ter

disciplinas ou atividades voltadas para as pessoas da zona rural, a escola proporcionou a oportunidade de estudos aos itabaianenses que não tinham condições de estudar na capital sergipana. A professora Silvana Costa que produziu uma Tese sobre o assunto ressalta que:

Ao estudar a Escola Normal Rural Murilo Braga, em Itabaiana, município de Sergipe, faz-se necessário compreender os seus primeiros anos de funcionamento, visto que, de 1950 a 1953 foi ofertado o curso ginásial. O período em tela correspondente aos primeiros anos de funcionamento com o nome Ginásio de Itabaiana. Somente em 1954, passou a denominar-se Escola Normal Rural Murilo Braga. (COSTA, 2016, p. 84)

De acordo com Lima (2002) o Colégio Estadual Murilo Braga (CEMB) formou pessoas que exerceram as mais diversas profissões no Estado, e foram destaques nas suas áreas de atuação. Para o ex-aluno e pesquisador:

Com o curso de Formação de Professores foi oferecido pessoal habilitado e qualificado para as Escolas Primárias da época, e para as que surgiram posteriormente. Não só Itabaiana foi beneficiada, mas todos os municípios circunvizinhos, tais como: Campo do Brito, Frei Paulo, Moita Bonita, Malhador, Macambira, São Domingos, Carira e outras mais. (LIMA, 2002, p.101)

A ENRMB formou muitos professores que ocuparam cargos não somente em Itabaiana, mas também em cidades vizinhas. Graças a instituição, muitas jovens foram beneficiadas com a formação docente, e a oportunidade do ingresso no espaço educacional. A Escola também conseguiu implantar o curso científico na década de 1960, que em sua primeira turma contou com um total de 51 alunos no primeiro ano, sendo que apenas 17 desses conseguiram concluir.

A instituição teve vários diretores. Ressalta-se que a primeira diretora mulher do Murilo Braga foi Maria da Conceição que dirigiu a instituição entre os anos de 1967 e 1981, permaneceu no cargo por 14 anos, e no dia 24 de julho de 1981 deixa a função de diretora para se aposentar como Especialista, nível V-A, já que havia concluído o curso superior. Para Rivaldávio Lima:

Em uma segunda fase (1967-1981), cujo o marco principal foi a administração singular de Maria da Conceição que, durante quase 15 anos, administrou a Escola com abnegação e amor, bem como, tino administrativo e respaldo moral não suplantados até os dias atuais. O seu “Psiu” ou chamamento pelo nome do aluno, por mais rebelde que fosse, era suficiente para acabar com as algazaras e desordens. (LIMA, 2002, p.61)

De acordo com Lima (2002) ela era uma docente que tinha experiência e autoridade sobre os alunos. Segue uma imagem da professora e diretora:

**Figura 02:** Maria da Conceição diretora do Murilo Braga nos anos de 1967 à 1981.



Fonte: Lima (2002)

Segundo Marineuza Santos (2019) a ex-diretora Maria da Conceição, passou anos cuidando do grande Murilo Braga, a instituição era o verdadeiro sinônimo de educação na cidade do Agreste sergipano, e Maria da Conceição fez jus ao cargo que ocupava, muito rígida administrou a instituição com muito zelo e empenho. Na instituição trabalharam várias professoras que marcaram seu nome na história da educação sergipana, e com o quadro de diretores não seria diferente. Após a saída da diretora Maria da Conceição em 1981, quem assumiu o cargo foi Maria Vieira Mendonça. Ela é filha de Francisco Teles de Mendonça,

mais conhecido como “Chico de Miguel”. Segundo Lima (2002) Maria Mendonça foi designada diretora através da portaria 4747/ 81, de 20 de outubro de 1981, e comandou a instituição durante quatro anos.

Um fato relevante é que houve muitas mulheres à frente da instituição, Maria da Conceição foi apenas a primeira delas. A irmã da entrevistada Suzaneide Moura também comandou o CEMB. Solange Noronha Barreto foi diretora a partir do ano de 1990.

De acordo com Lima (2002) houve significativas mudanças de administradores no CEMB, devido a alternância dos diferentes grupos políticos. No acervo do colégio podemos encontrar vários quadros com as fotos dos diretores que já estiveram à frente da presente instituição.

De acordo com Tereza Cristina Pinheiro Souza:

Os itabaianenses ampliaram seus horizontes com o funcionamento de um Ginásio nesta mesma Escola. As primeiras turmas separadas pelo gênero tinham salas com diferentes cores no uniforme dos estudantes, sendo o caqui para os homens, e azul e branco para as mulheres. Posteriormente, mesmo mistas, as turmas mantiveram naturalmente a cultura da separação com fileiras de alunos e outras de alunas. Esse aspecto com o tempo foi se diluindo. (SOUZA, 2019, p.61)

Observa-se que em meados do século XX as turmas naturalmente se separavam de acordo com o sexo, e havia também diferentes uniformes, e salas de acordo com o gênero. Esses aspectos foram mudando ao passar dos anos, inclusive o fardamento.

Conforme Souza (2019) no ano de 1954 disciplinas como: Desenho, Latim e Trabalhos Manuais compunham a programação curricular da primeira série ginásial. E durante esse mesmo ano o denominado curso Pedagógico tinha a disciplina de Música, já em 1955, ensinavam Puericultura. No ano de 1969 houve a introdução do Curso Científico, o qual tinha como objetivo à preparação para o vestibular, inicialmente era um curso noturno mas em 1973 teve início sua primeira turma no turno vespertino.

Há sete décadas, Itabaiana e a região sergipana mudaram a perspectiva de vidas através da oportunidade concedida pelo estudo. Informações constam que durante esse tempo, diferentes segmentos da sociedade produtiva receberam seus egressos, e não poucos, com notoriedade social, científica, econômica e política, se destacando inclusive em todo território nacional e até fora do país. (SOUZA, 2019, p.8)

Vejamos um quadro com o número de alunos matriculados no Curso Ginásial do Murilo Braga na década de 1960:

**Quadro 01: Discentes matriculados no Curso Ginásial do Murilo Braga (1960-1969)**

SÉRIE	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969
1ª	56	68	96	119	134	147	152	170	197	293
2ª	44	40	40	62	72	79	90	83	124	146
3ª	16	26	30	41	42	67	80	85	110	125
4ª	13	15	26	32	35	46	58	62	71	78
<b>TOTAL</b>	<b>129</b>	<b>149</b>	<b>192</b>	<b>254</b>	<b>283</b>	<b>339</b>	<b>380</b>	<b>400</b>	<b>502</b>	<b>642</b>

Fonte: Lima (2002, p.57)

Observa-se o quadro, o número de alunos matriculados na instituição de ensino na década de 1960, de acordo com o ano, curso e série. Nesse sentido, é possível constatar que ao decorrer dos anos houve um aumento na quantitativo de alunos matriculados no Ginásio Murilo Braga e consequente tais números refletem o crescimento do ensino secundário no Brasil nesse período.

No ano de 2019 o Murilo Braga completa setenta anos de existência, sete décadas, dando a oportunidade para que muitas pessoas pudessem estudar e formar cidadãos. A instituição foi um oásis no deserto para as pessoas que aqui habitavam. O CEMB até os dias atuais é motivo de muito orgulho para os itabaianenses e motivo de festa pelo seu aniversário. Para a História da Educação ele marcou um período significativo, nascendo como Escola Normal Rural, a primeira de Sergipe, e um Ginásio que formou gerações de sergipanos.

#### **4.1 MEMÓRIAS ACERCA DOS TEMPOS DO "MURILO BRAGA" EM ITABAIANA/SE**

Depois de tratarmos da Escola Normal Murilo Braga de maneira mais geral, a partir dos estudos sobre a instituição, este tópico tem como objetivo conhecer as memórias da ex-professora Marineuza Santos e da ex-aluna Suzaneide Moura, acerca da Escola Normal Rural Murilo Braga (ENRMB), durante a década de 1960. Sobre as memórias é necessário esclarecer:

Estudar as memórias coletivas fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise da sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos,

sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. (Pollak, 1989, p.10)

Estudar as memórias é uma forma de conhecer e compreender o passado. É compreender a importância das mudanças que ocorrem dentro da sociedade, do passado que muito tem a nos ensinar. Memórias é muito mais que simples vivências que não têm a mínima importância, mas é uma parte da vida de alguém, da história e da sociedade como um todo.

A professora Marineuza Alves dos Santos, natural da cidade de Itabaiana e filha do lavrador José Benizio de Menezes e da doméstica Mariazinha Alves do Santos, pais de três filhos escolarizados, mas que nem todos chegaram a se formar. Marineuza Santos casou-se e teve filhos, mas seguiu o mundo do magistério. Ela relata com muita alegria e carinho o seu período como discente, de um modo especial um pouco da sua história ao lado da professora D. Maria José Conceição Pinheiro Souza, sua maior referência durante o magistério.

D. Maria José ela foi uma inspiração do começo ao fim, gostava de tudo correto, de não atrasar o horário, de cumprir com a obrigação, parece que foi um livro que abriu e disse assim: leia e eu a li, ela não sabia mas eu sabia o que tava fazendo, tava ali se inspirando nela. E quem se inspirou nela, só fez correto, eu acho isso. (SANTOS, 2019)

Marineuza Santos foi aluna da Escola Estadual Guilhermino Bezerra onde estudou as quatro séries primárias. Após passar um período estudando para o exame de admissão conseguiu ingressar no Murilo Braga onde estudou da quinta até a oitava série. Segue uma imagem da aluna Marineuza Santos no Ginásio Estadual de Itabaiana.

**Figura 04:** Marineuza Santos como aluna do Ginásio Estadual Murilo Braga (1959)



Fonte: Fotografia retirada pela autora do texto a partir do acervo de Marineuza Santos.

A imagem acima, muito comum naquele período histórico, apresenta uma postura séria da estudante que se repetia entre os discentes nos momentos capturados pelas lentes de um fotógrafo que geralmente realizava o trabalho com vários alunos da mesma instituição em um só dia. Nota-se ainda o nome do Ginásio e elementos montados para a fotografia como o mapa e os livros sobre a mesa.

Ela também relembra que precisou estudar o quarto ano na Pio Décimo já que na cidade de Itabaiana não tinha. Estudou Pedagogia, fez o curso de Belas Artes em São Paulo e capacitação digital em Brasília.

Olha o meu destino só pedia pra ajudar alguém aprender a ler, a escrever, entendeu? Porque era só o que passava pela minha cabeça, era tá ali na escola, era escrevendo, era mostrando, e quando eu terminei a oitava série eu fui fazer o curso normal no Murilo, do curso normal eu fiz Pedagogia lá na Pio Décimo, ser professora mesmo, formada não tinha quem tirasse da minha cabeça. (SANTOS, 2019)

Durante a entrevista, algo que chamou a atenção foi o fato da professora Marineuza Santos relatar a importância de ajudar ao próximo a ler e escrever. Ela afirma que recebeu ofertas de empregos para atuar em outras áreas, mas não aceitou, pois tinha ciência do caminho que queria seguir: o caminho da docência. Além disso, enfatizou que deixou o ambiente escolar, como docente aos exatos 70 anos de idade.

**Figura 05:** Marineuza Santos com sua colega Vera Siqueira na década de 1960



Fonte: Fotografia retirada pela autora do texto a partir do acervo de Marineuza Santos

Na imagem, estão presentes Marineuza Santos e sua colega Vera Siqueira no dia 7 de setembro de 1960, ambas utilizando o uniforme da ENRMB. Saias até o joelho, blusas de mangas compridas brancas, luvas e gravatas, ambas tinham o cabelo curto e esboçam um sorriso tímido embaixo de uma árvore. Retratos de um período que tais elementos eram utilizados em diferentes instituições educacionais do Brasil. Imagens que ilustram as

memórias das entrevistadas e dizem respeito também às normas que se impunham às mulheres jovens que conseguiam chegar até a escolarização ginásial em meados do século XX em terras sergipanas.

Ao falar dos colégios pelos quais passou, não esqueceu do seu estágio no Educandário Cônego Vicente de Jesus, conhecido como escola da paróquia. Considerou importante comentar sobre a rigidez dos professores, daquele período, que mostravam sua total insatisfação caso as coisas não saíssem da maneira que eles achavam coerentes.

[...]o meu estágio foi na escola da paróquia, Educandário Cônego Vicente de Jesus. Era ali mesmo onde é o prédio da Santo Antônio hoje. Tem a igreja e tem o prédio ali, onde mora o padre, era ali, um sobrado velho, o meu verdadeiro estágio foi lá. Além do estágio da sala de aula com a professora da sala, né? (SANTOS, 2019)

Marineuza Santos ingressou no Estado e foi locada para a Escola Zenaide Schultz onde ensinou o cursinho primário, logo depois foi fazer o cursinho de Belas Artes em São Paulo, e ao retornar no ano de 1966 ficou como docente da Escola Normal Rural Murilo Braga.

Depois da escola paroquial aí eu fiz concurso para o estado, fui aprovada, aí oficialmente. Eu recebi o decreto e recebi a portaria, aí pronto, portaria oficializa. Portaria de localização é quando a pessoa vai trabalhar, aí quando eu recebi essa portaria era locada para uma Escola: Zenaide Schutz<sup>3</sup>. Eu ainda ensinei o cursinho primário ali, depois de estágio, depois de tudo. Já era professora do Estado, aí foi quando eu fui fazer o curso de Belas Artes, quando eu voltei já fiquei no Murilo porque tinha acabado de entrar a disciplina no currículo, eu entrei lá para não sair mais nunca. (SANTOS, 2019)

As memórias da professora retratam elementos do ingresso na docência, a certificação e o concurso, bem como as instituições educacionais que lecionou e mesmo onde estudou. O fato de conseguir se especializar fez com que deixasse de ser professora do primário e passasse a lecionar no secundário, seguindo como professora do Murilo Braga até sua aposentadoria. Mais do que isso, mesmo depois de estar décadas distante da instituição ele afirma nunca ter saído de lá.

---

<sup>3</sup> A Escola de Aplicação Zenaide Schultz a qual Marineuza Santos ensinou no ensino primário era anexada ao Murilo Braga. De acordo com Costa (2016) a Escola de Aplicação Zenaide Schultz além de funcionar nas dependências ENRMB de 1958 a 1970, tinham salas espaçosas com medidas equivalentes a 8 metros e 35 centímetros de comprimento e 8 metros e 70 centímetros de largura. O ambiente livre dentro da instituição era utilizado para que os alunos pudessem praticar atividades desportivas e intervalo, ainda no ano de 1964 a escola

Nossa outra entrevistada, Suzaneide Noronha Moura, nascida em Itabaiana, e filha do funcionário dos correios Francisco Noronha e da costureira Josefa Crisolita Oliveira Noronha. Ela tinha mais quatro irmãos, ambos escolarizados. Inclusive sua irmã Solange Noronha chegou a ser professora e diretora do Colégio Estadual Murilo Braga. Casou-se, teve filhos e também fez parte do corpo docente do Grupo Escolar Guilhermino Bezerra, pois assim que terminou o curso pedagógico foi contratada para trabalhar na referida instituição, após algum tempo, aprovada num concurso, e então nomeada para continuar seu trabalho no grupo escolar.

Na nossa infância a gente ia para a escola com 7 anos, né? A partir dos 7 anos a gente ia para o colégio. Todas as minhas recordações foram boas, graças a Deus meu período estudantil, tanto do curso primário e entrava como a gente chamava no curso ginásial para depois começar o científico que já é corrido, né? E o pedagógico, eu não fiz o científico, eu fiz o pedagógico. Terminei a 4ª série e fui para o pedagógico, formar para ser professora aqui mesmo no Murilo Braga que a gente estudava, formação pedagógica. (MOURA, 2019)

A professora Suzaneide Moura ressaltou que no seu período as crianças iam para escola aos sete anos de idade, durante a entrevista, recordou o tempo em qual estudou o primário com a conhecida professora Maria de Branquinha,<sup>4</sup> e também um pouco do que viveu no Internato Nossa Senhora da Conceição, residindo na cidade de Capela/SE, onde passou 2 anos. Ela foi uma das professoras que não fez o curso científico, mas o pedagógico no Murilo Braga.

---

já tinha rede elétrica e de esgotos, porém não tinha água encanada. Seu funcionamento se dava nos turnos vespertino e matutino.

<sup>4</sup> Maria Menezes Santos é o nome de Maria de Branquinha, professora por décadas educou gerações na cidade de Itabaiana/SE. Para outras informações acerca do trabalho da docente ler a monografia de Rita Maria da Cruz Pinto (2018).

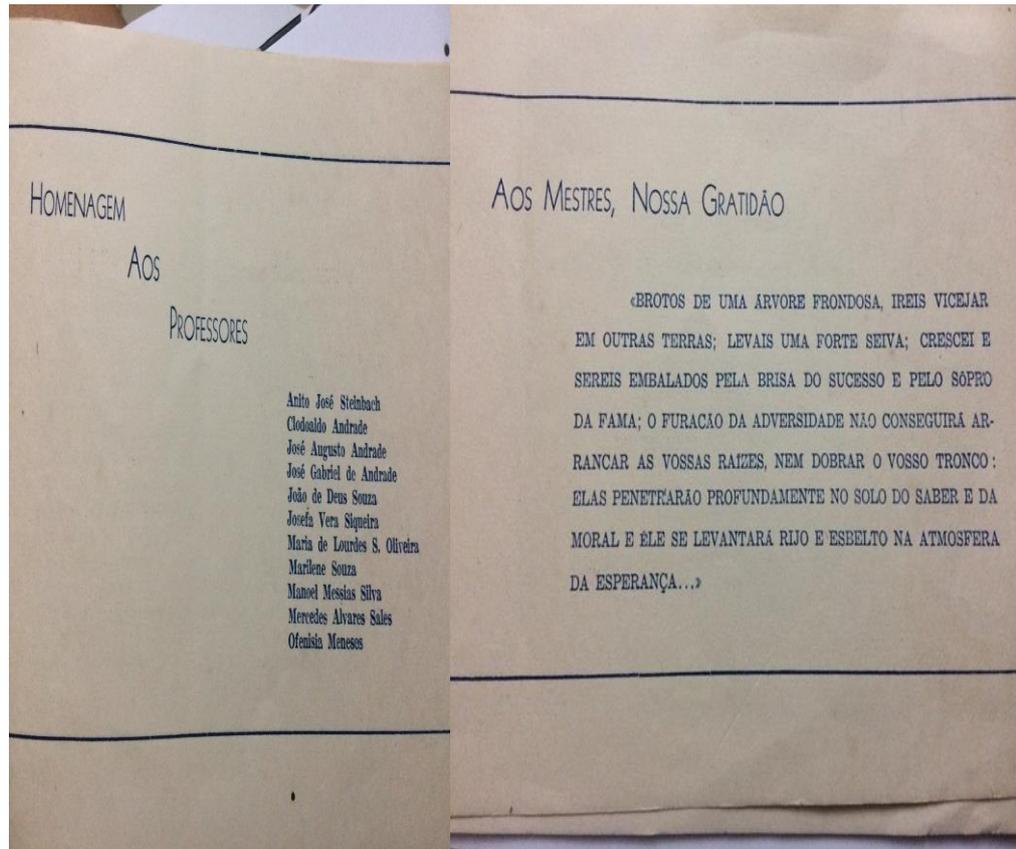
**Figura 05:** Recordações de Suzaneide Moura



Fonte: Fotografia retirada pela autora do texto a partir do acervo de Suzaneide Moura.

A imagem mostra as alunas da ENRMB em fotos retiradas na instituição, observa-se que os uniformes delas variavam com blusas de mangas compridas, e outras que tinham as mangas menores, sempre com gravatinhas, saias plissadas, meias e sapatos. Pelas fotos também podemos perceber que a estrutura do Murilo Braga, atualmente não se diferencia muito de meados do século XX. De acordo com Souza (2019) havia dois tipos de uniformes, o considerado diário e o de gala, que possuía em sua composição boinas e luvas para serem utilizadas em ocasiões festivas, como por exemplo, no dia 07 de Setembro e na Procissão do Padroeiro da cidade.

**Figura 06:** Convite de Formatura de Suzaneide Moura



Fonte: Fotografia retirada pela autora do texto a partir do acervo de Suzaneide Moura

Um convite de formatura que homenageava os professores, e demonstrava gratidão aos mestres. Observa-se na imagem o nome dos professores, bem como uma mensagem feita para os docentes daquele período. De acordo com Suzaneide Moura (2019) o sonho dela era seguir independente da profissão:

Qual a finalidade de moça pobre? Moça pobre que a gente dizia assim financeiramente, não podia estudar em Aracaju, tinha o sonho de ir para frente, mas como os meus pais não podiam, fui ser professora, e me identifiquei muito, que até hoje ensino a catequese. (MOURA, 2019)

Ao relatar como decidiu ser professora, Suzaneide Moura explicou que no seu tempo era a única alternativa, pois não tinha as condições necessárias para estudar em Aracaju, só queria seguir o sonho de ser independentemente da profissão. Mas ela logo ressaltou sua identificação com a profissão docente, que não quis deixar de ensinar. Suzaneide Moura assim como tantas outras pessoas conseguiu realizar os seus sonhos na ENRMB e dali criar novos projetos para a vida.

Tratamos ainda de alguns depoimentos cedidos à professora Tereza Cristina Souza (2019) que constam em livro recentemente lançado acerca dos "Ecos do Murilo Braga", são memórias de ex-alunas e/ou ex-professoras que contribuem diretamente com o objetivo da presente Monografia. Entre as depoentes do livro de Tereza Cristina Souza (2019) consta Josefa Suzana Almeida de Melo (2019), ex-aluna e ex-professora do CEMB. No ano de 1960 ela foi aprovada no exame de admissão da ENRMB e ali seu sonho havia sido realizado, ela iria fazer parte da renomada instituição de ensino de Itabaiana. Conforme Melo (2019):

Destaco que os meus quatro anos de curso ginásial não foram tão fáceis assim, pois o nível dos professores era bastante alto, grade curricular beirando a perfeição, o que tanto refletia na exigência em sala de aula, quanto na dedicação do estudo em casa. E isso demandava de todos nós uma responsabilidade e uma consciência da importância do aprendizado. E claro, estávamos prontos para enfrentar o curso seguinte, seja o científico e o clássico em Aracaju, seja o Pedagógico em Itabaiana. (MELO, apud SOUZA, 2019, p.240-241)

Para estudar na ENRMB os alunos precisavam passar no exame admissão, era apenas uma preparação do que estava por vir, a escola tinha excelentes professores que obviamente acabam sendo muito exigentes. Os alunos precisavam se dedicar muito, caso quisessem se sair bem na instituição, todo esforço dos discentes e docentes acabam valendo a pena, pois, depois de tanta exigência eles com certeza estariam preparados para prosseguir os estudos.

Maria de Lourdes Santos de Oliveira (2019) ex-professora do Murilo Braga, afirma que a instituição marcou sua vida com momentos de felicidades. Recorda que chegou à escola em 26 de maio de 1957 e por lá continuou até o ano da sua aposentadoria em julho de 1982.

A Escola Murilo Braga em mil novecentos e cinquenta e sete era bem diferente desse gigante atual. Poucos alunos, poucos professores que em sua maioria tinham que ser polivalentes. Era difícil a dedicação por ser impossível lecionar uma só matéria. (OLIVEIRA, apud SOUZA, 2019, p.33)

A quantidade de alunos do Murilo Braga foi crescendo com o passar dos anos, por lá passaram muitos itabaianenses e pessoas de lugares vizinhos. Os professores tinham que se dedicar bastante, pois como boa parte tinha que ser polivalentes, tornava-se difícil lecionar mais de uma disciplina, afinal os docentes necessitam planejar aula, estudar o conteúdo. Não é somente ir e lecionar, mas é necessário que haja toda uma preparação para as aulas.

Maria de Lourdes Santos Oliveira (2019) recorda que chegou muito jovem na instituição, tinha apenas 25 anos de idade, tinha acabado de casar-se, e iniciou seu trabalho no Murilo Braga ensinando a disciplina de Desenho, em que passou um bom tempo lecionando. Com o tempo também passou a lecionar Ciências, História Geral, História do Brasil e Língua Portuguesa.

Durante tantos anos percorri aqueles corredores trocando de sala e turma a cada sinal do sino e depois da sirene. Em tom de brincadeira dizia que quando morresse, minha alma continuaria a perambular por ali. No mesmo tom, lembrava que no Murilo Braga só não tinha sido solicitada a ser “guia de cego”. Hoje, com a inclusão da educação especial fatalmente essa brincadeira poderia ser uma realidade na possível atuação como mediadora em Braile. O que parece engraçado foi um sacerdócio que cumríamos com muita obediência na certeza do dever cumprido. (OLIVEIRA, apud SOUZA, 2019, p.34)

Através do relato da professora Maria de Lourdes Oliveira podemos observar sua identificação com a instituição na qual lecionou várias disciplinas e se considera guia para muitos jovens, ajudando eles nos caminhos da conduta moral, da fé e da cultura.

Marlene Leite (2019) é ex-aluna da ENRMB, graduada em História pela UFS, foi professora do Murilo Braga, e também ex-diretora do CEMB. Ela foi aluna nos anos de 1962 a 1968, quando a instituição ainda era Escola Normal, cursou da 1ª série ginásial ao 3º ano normal. Sem ter feito cursinho preparatório ela passou no vestibular na primeira tentativa, e tem ciência que a aprovação se deve também à qualidade dos professores daquela instituição.

Atribuo ainda ao meu amado “Murilo Braga” os conhecimentos que me permitiram a aprovação em 2º lugar no Concurso Público para o magistério do estado de Sergipe como professora primária na Escola Estadual Guilhermino Bezerra, retornando tempo depois como professora de História, EMC e OSPB licenciada pela UFS na qualidade de educadora. (LEITE, apud SOUZA, 2019, p.37)

Podemos observar o carinho que a professora Marlene Leite tem pelo Murilo Braga, instituição onde ela tem convicção que ajudou na sua formação, e no êxito que obteve no vestibular e no concurso público para o magistério do estado de Sergipe. Para a ex-professora Marilena Leite:

A brilhante trajetória do CEMB faz parte da vida de tantas pessoas que dignificaram, dignificam, dignificarão o nome da nossa cidade, do nosso estado e do nosso país. Nota-se assim a transformação do CEMB provocou em Itabaiana e nos municípios vizinhos. Não consigo imaginar como seria Itabaiana sem o “Murilo Braga”, para hoje, só gratidão. (LEITE, apud SOUZA, 2019, p.38)

O CEMB aparece nas memórias expostas como motivo de orgulho para os cidadãos itabaianenses, foi através dele que muitos jovens conseguiram estudar e ter uma formação. O "Murilo Braga" ficou guardado nas memórias como aquela instituição que acolhia os que precisavam ter uma profissão, mas não tinham as condições necessárias para estudar fora, ou pelo menos concluir os estudos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizarmos esta monografia podemos perceber que as mulheres na ENRMB não deixaram de constituir uma família por conta do magistério, observa-se também o sentimento de gratidão, de saudade, de missão cumprida. Foram mulheres que se doaram e si dedicaram ao magistério por décadas de suas vidas, sendo que as memórias do "Murilo Braga" se fazem vivas em cada depoimento, cada lembrança.

Diante das memórias dessas duas mulheres, podemos observar que nenhuma delas ressaltou algum tipo de relato sobre ter sofrido preconceitos na instituição, embora, somente após mais de 15 anos de fundação, mais precisamente no ano de 1967, a ENRMB passou a ser comandada por uma mulher que se dedicou durante anos a cuidar desta instituição de ensino. Aspecto que merece atenção e outras problematizações.

Um fato curioso constatado no trabalho é que algumas docentes do "Murilo Braga", também foram alunas da instituição o que mostra como os caminhos percorridos como discentes podem ter impactado no seu retorno como professora. Os concursos, as provas, as disciplinas, a rigidez dos docentes e mesmo da direção, entre outras memórias foram constantemente lembradas nos depoimentos.

As professoras deram aulas das mais variadas disciplinas, um exemplo disso consta o depoimento da ex-professora Maria de Lourdes Oliveira, e mesmo de Marineuza Santos que se profissionalizou no campo das Artes. Outras seguiram para prestar vestibular, realizar outros estudos, moraram um tempo fora, mas o "Murilo Braga" é lembrado como uma instituição que muito contribuiu para sua formação.

Itabaiana é uma cidade de muitos filhos ilustres nas mais diversas profissões, todavia as professoras renomadas e filhas da cidade são pouco lembradas, a exemplo delas, temos as professoras Izabel Esteves, Etelvina Amália e Maria Thetis. A História da Educação da cidade carece de estudos como já são realizados em distintos espaços do Brasil, inclusive em Sergipe que mostrem as trajetórias de professoras e suas contribuições para a formação de centenas de crianças e jovens.

Os breves escritos sobre a História da Educação em Itabaiana, bem como acerca da ENRMB demonstram que muito ainda se tem por investigar. Tanto sobre a história das instituições educacionais, como o Grupo Escolar Guilhermino Bezerra, a ENRMB, o Ginásio Murilo Braga, a Escola de Aplicação Zenaide Shultz, entre outras, como também sobre os

sujeitos que efetivamente construíram essas escolas. Nomes como Izabel Esteves, Maria Pereira, Ana Esbarra, entre tantas outras, ainda precisam ter suas histórias reveladas e escritas.

O atual Colégio Estadual Murilo Braga é uma instituição que neste ano de 2019 completa 70 anos de existência, de orgulho para cidade, de muitas histórias vividas. Este Colégio contém no seu passado a ENRMB e o Ginásio que coexistiram entre os anos de 1950 e 1970. As memórias das mulheres que ali estudaram/lecionaram na década de 1960, aqui brevemente analisadas, apontam para o significado dessa instituição educacional para a cidade e para o Estado de Sergipe, sendo ela um significativo espaço de formação e profissionalização.

## Referências

- ALMEIDA, Jane Soares de. “As lutas femininas por educação, igualdade e cidadania”. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 81, n. 197, p. 5-13, jan./abr. 2000.
- ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na educação: missão, vocação e destino?. In: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2ª. Ed., 2006. p.61-107.
- ALMEIDA, Marlaine Lopes de. **Leyda Régis: Reminiscência de Formação intelectual e Atuação Profissional em Sergipe**. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação). Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2009.
- BISPO, José de Almeida. **Itabaiana, nosso lugar: quatro séculos depois**. / José de Almeida Bispo. Aracaju: Infographicer, 2013.
- CARVALHO, Vladimir Souza. **A República Velha em Itabaiana**. Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2000.
- COSTA, Silvânia Santana. **Histórias contadas e vividas: memórias da Escola Normal Rural Murilo Braga de Itabaiana/Sergipe(1950-1972)**. 206f. Tese (Doutorado em educação)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2016.
- FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, trabalho e ação política: Sergipanas no Início do Século XX**. 310f. Tese (Doutorado em Educação). Sociedade e Cultura à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de azul e branco: um estudo sobre as representações de ex- normalistas (1920-1950)**. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História/NPGED, 2003.
- FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Práticas educacionais e abolicionistas: aspectos da configuração do trabalho docente através das trajetórias Etelvina Amália de Siqueira (Sergipe, 1862-1937) e Maria Firmina dos Reis (Maranhão, 1825-1917)**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: O ENSINO E A PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5, 2008. Disponível em: <[http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/trabalho\\_completo.php?id=550](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/trabalho_completo.php?id=550)>. Acesso em: 04 de set. 2019.
- LIMA, José Rivadálvio. **Cinquentenário do Colégio Estadual “Murilo Braga”**. Aracaju: J. Andrade Ltda, 2002.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: Mary Del Priori (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. – São Paulo: contexto, 2004.
- MÁRTIRES, José Genivaldo. **Flagrando a Vida: Trajetória de Lígia Pina – Professora, Literata e Acadêmica (1925-2014)**. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação). Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2016.

MIGUEL, Aline da Conceição. **Escola Normal Rural Murilo Braga: formando professores para a área rural? (1949-1969)**. Monografia (Graduação em educação)-Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE. 2011. 76p.

PINTO, Rita Maria da Cruz. **Maria de Branquinha e a cultura escolar primária em Itabaiana/SE nas décadas de 1940 e 1980**. Monografia de Conclusão de Curso em Pedagogia. Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe. Itabaiana/SE. 2018. 42p.

SANTOS, Luana de Jesus; OLIVEIRA, João Paulo Gama. OS GRUPOS ESCOLARES EM SERGIPE NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX: PERCORRENDO OUTRAS TRILHAS EM BUSCA DE NOVOS CAMINHOS. **Anais do Encontro Internacional de Formação de Professores**. v 11, n. 1. Unit: Aracaju/SE. 2018.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. A face opaca da república: Izabel Esteves de Freitas e as escolas de primeiras letras em Itabaiana (1926-1932). **Revista HISTEDBR On-line, Campinas**, nº53, p.403-413, 2013.

SANTOS, Nivalda Menezes. **O celibato pedagógico feminino em Sergipe nas três primeiras décadas do século XX: uma análise a partir da trajetória de Leonor Teles de Menezes**. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação). Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2006.

SOUZA, Tereza Cristina Pinheiro et al. **Ecos do Murilo**. Tereza Cristina Pinheiro Souza (org). Aracaju: Infographics, 2019.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. **Caminhos cruzados: itinerários de pioneiros professores do ensino superior em Sergipe (1915-1954)**. 319f. Tese (Doutorado em Educação). Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2015.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

FONTES ORAIS:

MOURA, Suzaneide Noronha. Entrevista concedida a Tatiane Oliveira Lima, em 30 de julho de 2019, Itabaiana/SE.

SANTOS, Marineuza Alves dos. Entrevista concedida a Tatiane Oliveira Lima, em 19 de junho de 2019, Itabaiana/SE.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO (DEDI)  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO  
ITABAIANA/SE

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME E RELATOS SOBRE  
Memórias e histórias de mulheres na profissão docente na década de 1960  
na Escola Normal Rural Murilo Braga**

Nome: \_\_\_\_\_  
Nacionalidade: \_\_\_\_\_  
Idade: \_\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_  
Estado civil: \_\_\_\_\_  
Residência: \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_ UF: \_\_\_\_\_

Eu, \_\_\_\_\_,  
CPF: \_\_\_\_\_ autorizo o uso do meu nome e meus relatos sobre a Escola Normal Rural Murilo Braga na década de 1960 concedidos para o trabalho de pesquisa de Tatiane Oliveira Lima, desenvolvido sob a orientação do Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira, docente do Departamento de Educação (DEDI) da Universidade Federal de Sergipe, podendo estes serem utilizados na monografia da citada acadêmica, assim como divulgados em artigos, trabalhos e outras publicações do meio acadêmico. A autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso acima mencionado em atividades acadêmicas e sem fins lucrativos. Por esta ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso descrito sem que nada haja a ser reclamado a títulos de direitos conexos a meu nome, materiais ou imagens ou a qualquer outro e, assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

\_\_\_\_\_ DATA

## APÊNDICE B – Roteiro de perguntas para entrevistas.

- 1- Nome da senhora, onde nasceu, nome dos pais, lembranças da infância?
- 2- Qual a profissão de seus pais? Quantos irmãos? Quantos foram escolarizados e até que nível?
- 3- Quais as suas lembranças do início da alfabetização?
- 4- Quais as recordações da época que a senhora estudou o primário? Onde? E o ginásio?
- 5- Quem eram seus professores?
- 6- Como eram as aulas?
- 7- Quais objetos (materiais didáticos) eram mais utilizados?
- 8- Como resolveu ser professora?
- 9- Onde iniciou sua carreira?
- 10- Alguma professora lhe serviu como inspiração?
- 11- Onde estudou para ser professora?
- 12- Como eram suas aulas no início da carreira? O que foi mudando ao longo dos anos?
- 13- Quais as escolas existentes na cidade de Itabaiana na década de 1960?
- 14- Como era a estrutura física do Colégio Estadual Murilo Braga em 1969?
- 15- Quem eram os gestores do ano de 1969?
- 16- Como era composto o quadro de docentes?
- 17- Existiam professores que lecionavam lá e em outras escolas?
- 18- Como eram vistas as professoras do sexo feminino? Os alunos as respeitavam? Como era a relação delas com os pais dos alunos? Com os demais profissionais da escola?
- 19- Recordações do Murilo Braga?
- 20- Quem eram seus professores no Murilo?
- 21- Quem eram seus colegas de sala?
- 22- Em que período estudou no Murilo?
- 23- O que diferenciava o Murilo Braga por ser uma escola normal?
- 24- Descreva a estrutura do Murilo, o que tinha na sala, os materiais escolares.
- 25- A maior parte do corpo docente era de homens ou mulheres?
- 26- Havia desfile, outras atividades que vocês faziam para além da escola?
- 27- As professoras eram casadas?